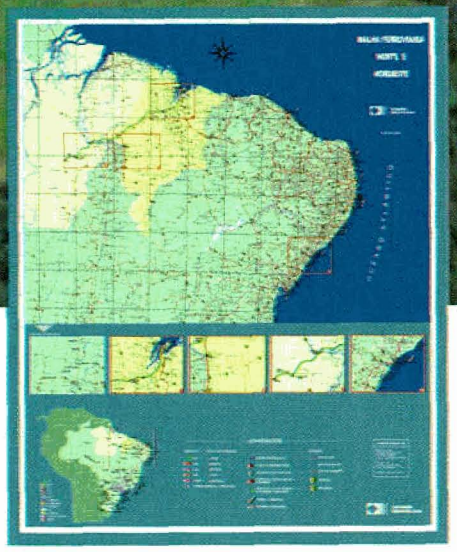
OS DESAFIOS DO MARANHÃO

Prosperidade no cerrado



A partir do início da década de 90, a região de Balsas, no Sul do Maranhão, despontou como grande celeiro de grãos, tanto para o mercado interno quanto para a exportação

MÁRCIO BUENO

Quem pretende percorrer os municípios da região Sul do Maranhão, em pleno cerrado nordestino, já na fronteira com a caatinga, imaginando que vai se deparar com terras inóspitas e refratárias à agricultura, deve se preparar para grandes surpresas. A principal é contemplar centenas de milhares de hectares de plantações verdejantes de soja, arroz, cana, milho que dobram os horizontes, em fazendas modernas e altamente produtivas, dando a impressão de que se está na verdade em lavouras das terras mais férteis de São Paulo, do Paraná ou do Rio Grande do Sul.

Outra surpresa é o biótipo da população dos municípios da área, principalmente de Balsas, que é a sede administrativa da região Sul do Maranhão. Às vezes é raro encontrar na cidade o homem típico do interior maranhense,

resultado de uma miscigenação em que entraram de modo marcante indígenas e negros. Quem caminha pela cidade cruza freqüentemente com homens e mulheres de alta estatura, pele avermelhada, cabelos louros e olhos claros, como se fossem alienígenas, deixando escapar um "chê" aqui, um "barbaridade" ali, um "prenda" acolá, enquanto combinam o próximo churrasco, desde que – condição inegociável – seja temperado "só com sal grosso". Entre eles não faltam complicados sobrenomes estrangeiros, muitos alemães, que alguns nativos nem arriscam soletrar.

Maranhão: segundo maior produtor de grãos do Nordeste

Mas nem só de gaúchos vive o Sul do Maranhão. A região atraiu produtores, empresas e cooperativas de todos os estados do Sul do país, além de paulistas, mineiros e mato-grossenses, que transformaram completamente a paisagem local. O cerrado do Maranhão é formado por chapadas praticamente planas, de declividade menor do que de terras agricultáveis do estado de São Paulo, admitindo máquinas maiores e mais produtivas. Algumas chapadas, que muitos chamam de tábuas de mesa, onde estão as fazendas dos sulistas, chegam a atingir dezenas de milhares de hectares de extensão. Essas áreas são circundadas e delimitadas pelos chamados baixões, espécie de minicânions, no fundo dos quais correm os rios e onde os sertanejos seguem plantando macaxeira (chamada também de mandioca ou aipim, dependendo da região), milho, criando suas cabras, enfim, desenvolvendo uma cultura de subsistência.

Os maranhenses nunca se interessaram pelas partes altas – 500 a 600m de altitude –, consideradas terras pobres para a agricultura e a pecuária. O fenômeno não é restrito a esse local. Todas as regiões de cerrado eram consideradas inaproveitáveis ou de aproveitamento marginal até três décadas atrás, fossem para lavouras ou para pastagens. A descoberta de que a correção do solo poderia torná-lo altamente produtivo e a produção de variedades adaptadas ao ecossistema, pela Embrapa, tiveram importância crucial no desenvolvimento da agropecuária brasileira. Afinal, o cerrado corresponde a 25% do território nacional, ocupando parte dos estados do Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rondônia, Minas Gerais, Bahia, Piauí, Maranhão e, em sua totalidade, Goiás e Tocantins.



A produção agrícola do Sul do Maranhão está contribuindo fortemente para que o estado seja hoje o segundo maior produtor de grãos do Nordeste, perdendo apenas para o estado da Bahia. Em relação ao arroz, o estado é hoje o quarto maior produtor brasileiro, com previsão de 661 mil toneladas para este ano, segundo a Conab – Companhia Nacional de Abastecimento, do Ministério da Agricultura. O volume supera em muito a produção de outros estados de forte tradição agrícola, como Goiás, com previsão de 207 mil toneladas, e Minas Gerais, com 192 mil toneladas.

Crescimento espantoso

Em relação à soja, a produção do estado está concentrada exclusivamente na região de Balsas e será este ano, segundo a Conab, de 426 mil toneladas. O governo do estado trabalha com outros números – para a Gerência Regional de Balsas (espécie de subgovernadoria da região), a safra de 1998/99 já teria sido de 551 mil toneladas (tabela). Ainda assim é baixa, se considerada a produção nacional, mas excepcional se a safra for comparada com a do início da década passada, quando estava recomeçando praticamente do zero, depois que as lavouras foram atacadas por doenças. De acordo com dados da Companhia Vale do Rio Doce – que transporta, através da Estrada de Ferro Carajás, 85% da soja da macrorregião que engloba o Sul do Maranhão e também parte do Sul do Piauí e de Tocantins –, em 1992 foram conduzidas por seus vagões 26,8 mil toneladas. Este ano, a previsão da empresa é de que sejam transportadas 620 mil toneladas (tabela), o que significa um respeitável crescimento, em apenas nove anos, de 2.215%.

Não existem números precisos, mas produtores estabelecidos na área calculam que a região de Balsas, que engloba 13 municípios, ainda tem de 800 mil a 1 milhão de hectares disponíveis para a agricultura. Aliás, a região de Balsas, apenas uma das 18 em que se divide o Maranhão, tem uma área de 66 mil quilômetros quadrados, o que significa que é 50% maior que o estado do Rio de Janeiro. Francisco José Honaiser, também gaúcho e gerente

geral da Lavronorte, empresa de produtos para lavoura, chegou à região em 1976, quando não havia estradas, televisão ou telefone. Para fazer uma simples ligação, tinha que percorrer 400km de estradas, a maior parte de terra batida, até a cidade de Imperatriz.

No Rio Grande do Sul, Honaiser trabalhava na revenda de automóveis, mas decidiu arriscar a vida como produtor rural em Balsas. Como na região não havia como comprar um simples parafuso, ele trabalhava com um estoque razoável de materiais e por isso estava sempre emprestando aos colegas agricultores. Depois de algum tempo emprestando sem lucrar nada, sentindo que havia mercado, decidiu voltar a ser negociante e montou uma empresa para vender implementos agrícolas e adubos, ramo em que permanece até hoje.

Ele conta que a imigração começou circunstancialmente em 1974, dois anos antes de sua chegada à região. Os pioneiros, oriundos do pequeno município gaúcho de Não-Me-Toque, não tinham comprado terras no Maranhão e sim em Minas Gerais, perto do Distrito Federal; mas no momento da legalização descobriram que tinham sido vítimas de um golpe. Para tentar contornar o problema, a imobiliária lhes teria oferecido terras que possuía na região de Balsas, na época um autêntico fim de mundo.

O preço do pioneirismo

Entre os gaúchos pioneiros, e que viria a desempenhar importante papel de liderança entre os produtores oriundos do Sul, estava Leonardus Josephus Philipsen, um holandês "mais tinhoso que mato do cerrado", como ele próprio se define. Balsas, que hoje tem mais de 60 mil habitantes, na época não passava de uma vila que nem constava dos mapas, com muitas casas de palha e onde não havia sequer uma padaria. Mas Philipsen parecia gostar de desafios, já que imigrou para o Brasil em 1949 sem falar nem "bom dia" em português e sem ter sequer um centavo no bolso. Em Balsas, financiou mil hectares de terras, na época com 12 anos de prazo, mais quatro de carência e juros de 1% ao mês. Juntou a família, mais seis empregados, muita disposição para vencer, deixou a gaúcha Não-Me-Toque e partiu para a aventura maranhense.

Todos os que chegaram na mesma época pagaram o preço do pioneirismo. Philipsen começou plantando soja e arroz, sem contar ainda com variedades adaptadas para a região e sem ter como escoar a produção. Depois de três anos estava praticamente quebrado, mas não desistiu. A situação começou a melhorar depois que liderou os produtores no trabalho de conseguir ajuda da Embrapa, unidade de Londrina, para as pesquisas de novas variedades, de sensibilizar a Companhia Vale do Rio Doce a fazer o transporte do produto até o porto, em São Luís, e de ajudar a criar a Fapcen – Fundação de Apoio à Pesquisa do Corredor de Exportação Norte. Essa entidade foi criada para ser o elo entre os pesquisadores da Embrapa e os produtores, tendo como uma das principais funções coordenar o trabalho de multiplicação das sementes das variedades selecionadas.

Até o final da década de 80, a produção vinha crescendo, mas com variedades ainda não consolidadas em termos de resistência e produtividade. A produção agrícola patinava em níveis pouco estimulantes e, em 1989, a lavoura de soja ainda foi atacada por pragas e quase dizimada. No início da década de 90, a Embrapa começou a disponibilizar variedades não apenas compatíveis com a região, mas também resistentes a doenças. A Vale do Rio Doce criou uma estrutura para o transporte de grãos e começou a financiar as pesquisas, interessada em volume de produção, criando outras opções para a Estrada de Ferro Carajás, além do transporte de minérios.

Os produtores lembram que o papel do governo estadual também foi importante ao asfaltar várias rodovias, entre as quais um trecho de 400km da rodovia federal BR-230, entre Balsas e Floriano, já na divisa com o Piauí, e o trecho de 245km da rodovia estadual MA-006, de Balsas a Alto Parnaíba, no extremo sul do estado. Com isso, quase toda a região ficou conectada por rodovias, no sentido do Leste com o mercado nordestino e, no do Oeste, com a malha ferroviária que vai dar no porto da Vale, em São Luís. Além disso, dizem os produtores, o governo Roseana Sarney influenciou na decisão do governo federal de construir linhões, levando para a região a energia da Usina de Tucuruí. Outra iniciativa que impulsionou a produção, segundo os agricultores, foi o governo estadual ter estipulado a renúncia fiscal do ICMS em 50% para a soja destinada à exportação, já em 1994, dois anos antes da Lei Kandir.

Quem caminha pela cidade cruza freqüentemente com homens e mulheres altos, pele avermelhada, cabelos louros e olhos claros, como se fossem alienígenas, deixando escapar um "chê" aqui, um "barbaridade" ali, um "prenda" acolá.

Produtores de todos os cantos

À medida que foram sendo eliminados os gargalos, a imigração e a pro-

dução foram deslanchando. Comenta-se na região que, aproveitando os baixíssimos preços das terras, os gaúchos vendiam 30ha no Rio Grande do Sul e compravam 3 mil na região de Balsas. E vinham produtores de todos os cantos, como os paulistas, que começaram a chegar na década de 90. Em 1994, os produtores do interior de São Paulo Ivan Aidar e Roberto Rodrigues, presidente da Abag – Associação Brasileira de Agribusiness –, se desfizeram de propriedades no Triângulo Mineiro e adquiriram a Fazenda Serra Vermelha, de 5.400ha.

Segundo Fábio Aidar, filho de Ivan, e que é sócio e administrador da fazenda, uma das razões que os levaram a escolher o Sul do Maranhão foi encontrar terras muito mais baratas e que proporcionavam o mesmo nível de produção. "É verdade – ressalva – que o cerrado bruto não tem nada. Aqui é preciso construir fertilidade". Nos seus cálculos, para cada real pago pela terra, é preciso gastar mais três ou quatro reais no preparo, que inclui a limpeza pelo sistema do correntão (dois tratores ligados por uma grande corrente se deslocam paralelamente, fazendo uma varredura nas terras para arrancar as árvores), a retirada do material lenhoso, a adubação e a correção do solo, principalmente pela adição de fosfato e calcário (7t por hectare).

Na primeira safra, a de 1994/95, os novos donos plantaram 2 mil hectares de soja, colhendo 72 mil sacas, e 1,1 mil hectare de arroz, colhendo 32 mil sacas. Na última safra, tinham aumentado o número de produtos, a área, a produção e a produtividade. Foram plantados 4,1 mil hectares de soja que produziram 201 mil sacas; 830ha de arroz sequeiro, com a colheita de 38 mil sacas; e 430ha de milho, com a produção de 49 mil sacas. A Serra Vermelha fica nos municípios de Loreto e Sambaíba, no Leste da região de Balsas, o que significa que para utilizar o transporte ferroviário, cujo terminal fica no Oeste, os produtos dariam uma volta significativa. Por isso, a fazenda é uma das poucas cuja produção é transportada direto para o Norte, por rodovia, até o porto, em São Luís.

Soja: volume transportado pela Cia. Vale do Rio Doce

Produções do Sul do Maranhão, Sul do Piauí e Tocantins

Anos	Volume transportado	Crescimento (%)
1992	26.782	
1993	77.202	188,1
1994	153.209	98,4
1995	168.322	9,9
1996	207.027	23,0
1997	276.038	33,3
1998	371.855	34,7
1999	450.691	21,2
2000	560.804	24,4
2001	620.000	10,6

Fonte: Companhia Vale do Rio Doce.
A Companhia calcula que transporta 85% da soja produzida na região.
Aumento do volume transportado de 1992 para 2001: 2.215%

Outra vantagem da região de Balsas, que influenciou na decisão dos produtores paulistas de investir na região, diz Fábio Aidar, foi sua posição estratégica. Os produtos alcançam preços maiores pela proximidade do porto e por ser uma saída muito mais próxima dos mercados consumidores dos Estados Unidos e da Europa, e mesmo dos asiáticos, através do Canal do Panamá. A soja é exportada e o arroz e o milho encontram um mercado consumidor importante no Nordeste, onde é muito mais vantajoso comprar do Sul do Maranhão do que do Sul do país. O milho, comprado pelos nordestinos principalmente para abastecer as granjas, era quase totalmente importado da Argentina. Se os produtores do Sul do Maranhão já tinham a grande vantagem da proximidade, com a disparada do dólar essa vantagem se ampliou significativamente.

O papel do governo estadual foi importante ao asfaltar várias rodovias, entre as quais um trecho entre Balsas e Floriano, já na divisa com o Piauí, e o trecho de Balsas a Alto Parnaíba, no extremo sul do estado.

Vantagens topográficas e climáticas

Mudando completamente o modo de produção tradicional da área, as propriedades dos sulistas dispõem de máquinas modernissimas, como as colheitadeiras, que custam nada menos que R$250 mil cada uma. As máquinas geralmente utilizam o aparelho conhecido pela sigla GPS, que é um sistema de monitoramento por satélites. O aparelho emite sinais que são refletidos pelos satélites, fornecendo ao operador o itinerário exato que deve fazer com a máquina de modo a otimizar o trabalho, evitando entrar em áreas já trabalhadas ou deixar lacunas pelo caminho.

Um dos maiores empreendimentos da região de Balsas é a empresa Agroserra, em cuja propriedade foram

Soja: evolução da cultura de na região de Balsas

Safra	Área plantada		Produção		Produtividade
	Hectare	Aumento (%)	Tonelada	Aumento (%)	kg/ha
1988/89	22.850	-	33.863	-	1.701
1989/90	15.240	-33,3	4.176	-87,7	274
1990/91	4.600	-69,8	8.280	98,3	1.800
1991/92	20.500	345,7	27.000	226,1	1.317
1992/93	42.785	108,7	86.389	220,0	2.019
1993/94	62.911	47,0	140.927	63,1	2.240
1994/95	80.000	27,2	179.200	27,2	2.240
1995/96	90.000	12,5	207.000	15,5	2.300
1996/97	130.000	44,4	312.000	50,7	2.400
1997/98	166.000	27,7	418.320	34,1	2.520
1998/99	204.000	22,9	550.800	31,7	2.700

Fonte: Gerência de Estado de Desenvolvimento Regional de Balsas, com base em estatísticas da Campo – Companhia de Promoção Agrícola.

Aumento verificado entre as safras 1988/89 e 1998/99:

Área plantada	+792,8%
Produção	+ 1.526,6%

plantados na última safra 13 mil hectares de soja, 12 mil hectares de cana e mil hectares de outras culturas. Resultado: 30 mil toneladas de soja e 610 mil toneladas de cana. Quem pilota o empreendimento é Pedro Augusto Ticianel, um paranaense de Bandeirantes, defensor apaixonado da região e de suas potencialidades. No início da década de 80 sua família tinha investimentos em Mato Grosso, mas queria mudar de região, porque na época não havia transportes e o custo era muito alto para internar insumos, que chegavam pelos portos de Santos ou Paranaguá, e também para exportar, por um desses mesmos portos.

Ticianel, que é engenheiro florestal, foi o escolhido para encontrar a área em que fosse mais viável produzir tanto para o mercado externo quanto para o interno. Ele se fixou nas regiões Norte e Nordeste e procurou áreas que atendessem às exigências de produção, que são clima, solo, terreno plano, chuva regular, bem distribuída, calcário, crédito oficial e privado; e que atendesse também às exigências de logística, que são as facilidades para internar insumos, exportar e vender no mercado interno. O Norte foi logo descartado por questões ecológicas e excesso de chuvas. A decisão foi pelo cerrado nordestino e dentro deste a escolha recaiu sobre o Sul do Maranhão por causa da topografia, existência de calcário, clima, com precipitação pluviométrica semelhante à do Centro-Oeste, região próxima à Estrada de Ferro Carajás e condição portuária favorável. Outro aspecto que fortaleceu a decisão foi a proximidade dos mercados do Norte e Nordeste, na época, de 55 milhões de habitantes, quase a metade da população brasileira.

Mudando completamente o modo de produção tradicional da área, as propriedades dos sulistas dispõem de máquinas modernissimas, como as colheitadeiras, que custam nada menos que R$250 mil cada uma.

Culturas diversificadas

Em 1984, Ticianel comprou em nome do grupo 10 mil hectares de terras na região de Balsas, e desde então o empreendimento vem crescendo até chegar aos dias de hoje com 106 mil hectares, dos quais 26 mil produzindo a todo vapor. O projeto de viabilidade que elaborou sugeria um crescimento gradual, compatível com a região e com a chegada da infra-estrutura. O projeto estratégico de longo prazo era voltado para a produção de soja.

Em Balsas já havia algumas facilidades como telefone e Banco do Brasil. Mas, por falta de empresas compradoras de soja, o empreendimento ficou centrado na produção de arroz. Só com a chegada da Ceval (atual Bunge) e depois da Cargill, os investimentos foram redirecionados para a soja e depois também para a cana, cultura que vinha se mostrando compatível com o cerrado. Em 1992, a Agroserra adquiriu uma usina de açúcar e álcool que estava desativada no Ceará e que pertencia ao Banco do Brasil. Hoje, com as 610 mil toneladas de cana colhidas, a empresa está produzindo 53 milhões de litros de álcool carburante, o que corresponde a 70% da demanda de álcool do Maranhão.

A Agroserra está também desenvolvendo pesquisas para investir em outras culturas, entre as quais a de café, de uva, bambu (para papel-moeda) e reflorestamento com lenhosas (para a celulose). No total, o projeto está empregando 1.500 pessoas. Mas o principal responsável por essa prosperidade não está satisfeito. Pedro Ticianel diz que o empresário não pode abrir mão de sua responsabilidade social: "não adianta crescer sozinho, cercado por pessoas vivendo em dificuldades". E esclarece que não se trata de distribuir sopão e sim de integrar a comunidade local ao mesmo sistema

de produção de que dispõe, retirando os sertanejos da idade média.

A Agroserra está investindo anualmente US$100 mil em projetos sociais. Um deles consiste em levar 20 a 30 famílias de pequenos agricultores (com até 300ha de terras) de cada vez para o empreendimento, cedendo alojamentos, alimentação, transferindo o *know how* da produção moderna de diversas lavouras, incluindo café e uva. Depois desse trabalho, o empresário pretende levar os agentes financeiros e mostrar que é possível e rentável financiar os pequenos agricultores. "Quero mostrar que cada família – diz Ticianel – pode tirar de US$2 a 3 mil por mês em suas terras". Para o diretor presidente da Agroserra, se o projeto for bem-sucedido pode se transformar em um modelo para o estado, o que seria sua forma de retribuir os estímulos do governo ao agronegócio, que se deram principalmente com o provimento da infra-estrutura necessária.



DESENVOLVIMENTO ACELERADO

Vários fatores contribuíram para que empreendimentos como a Agroserra se desenvolvessem aceleradamente na região de Balsas. Um deles foi, certamente, a instalação de empresas compradoras na cidade, como a Ceval (atualmente Bunge Alimentos)

Apoio vital à agricultu

A pujança da produção agrícola da região de Balsas certamente não existiria, ou então estaria capengando, sem o concurso de duas instituições: a Embrapa e a Fapcen. A Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária –, do Ministério da Agricultura, atende aos produtores de todo o Brasil, e a Fapcen – Fundação de Apoio à Pesquisa do Corredor de Exportação Norte –, sediada em Balsas, é uma instituição privada que dá assistência aos produtores rurais do Sul do Maranhão, Sul do Piauí e Tocantins.

A Embrapa-Soja está sediada em Londrina, onde se desenvolvem as pesquisas de seleção de novas variedades, sempre no sentido de incorporar resistência às principais doenças e produtividade entre suas características. O método de seleção consiste no cruzamento de indivíduos que apresentem as características desejáveis: por exemplo, pais resistentes às principais doenças, com mães que apresentem alto índice de produtividade. Da geração seguinte, toma-se os filhos que herdaram apenas uma das características e cruza-se com um dos pais. A técnica é repetida várias vezes até se obter indivíduos que tenham incorporado e consolidado todas as características perseguidas. O processo não é excessivamente demorado, como seria com animais, porque cada geração de soja produz uma nova em apenas seis meses. Mesmo assim, seguindo-se todos os passos, só se obtém uma nova variedade depois de sete a oito anos.

A unidade da Embrapa de Balsas foi instalada em 1986. Segundo o engenheiro agrônomo Dirceu Klepker, pesquisador e supervisor da unidade, o principal trabalho, no caso específico da cultura de soja, é testar em campo as variedades produzidas por Londrina para o cerrado, selecionando-se, entre elas, as mais adaptáveis às especificidades edafoclimáticas (condições de solo e de clima) da região. Hoje, há no mercado da macrorregião que engloba o Sul do Maranhão, Sul do Piauí e Tocantins nove variedades de soja produzidas e disponibilizadas pela Embrapa. Os trabalhos da instituição com a soja são de importância capital para a região por ser a sua principal lavoura.

Na safra deste ano, a região de Balsas está plantando 218 mil hectares de soja. A primeira plantação, no entanto, foi de apenas 33 hectares, feita nos idos de 1978 por um dos pioneiros oriundos do Rio Grande do Sul, Leonardus Josephus Philipsen. A safra de 1988/89 já ocupava quase 23 mil hectares de terra, mas a safra seguinte foi atacada pela doença conhecida por cancro da haste. Em apenas dois anos a área plantada encolheu para 4,6 mil hectares, ou seja, um quinto do que era. Muitos produtores consideram que para eles foi de certa maneira uma sorte a praga já ter atacado anteriormente lavouras do Mato Grosso e do Paraná. Por essa razão, a Embrapa já estava com um trabalho bastante adiantado de seleção de novas variedades resistentes à doença. Na safra de 1991/92 o problema já estava solucionado, com a área plantada crescendo nada menos que 346%.



e a Cargill. Ainda como Ceval, a empresa chegou a Balsas em 1989 e ficou praticamente dois anos fechada porque a produção de soja era incipiente e ainda houve quebra das safras em função de pragas. A safra 1991/92 já foi de 26 mil toneladas e seguiu crescendo até chegar a mais de 700 mil. São 218 mil hectares plantados no Sul do Maranhão, 60 mil no Sul do Piauí e 50 mil no estado de Tocantins. A Bunge compra atualmente 60% da safra. O gerente de Originação da unidade de Balsas, José Carlos Gabriel, diz que a empresa só está esperando haver um maior volume de produção para implantar uma fábrica esmagadora em São Luís.

Mas há produtores insatisfeitos com as compradoras. Eles dizem que, se no começo representaram um estímulo, hoje têm todos os produtores nas mãos, não só controlando os preços, mas também financiando a produção. Como a região usa como parâmetro para os preços a Bolsa de Chicago, as compradoras usariam cálculos exagerados de fretes para reduzir o preço final e lucrar com a diferença. Representantes das compradoras atribuem a responsabilidade à Companhia Vale do Rio Doce, que estaria reajustando os fretes de acordo com a

ra da região de Balsas

A Fapcen foi criada em 1993, logo após a superação do tormento causado pelo cancro da haste. É possível que a ocorrência da praga tenha alertado os agricultores, surgindo a necessidade de uma organização que lhes desse apoio técnico e científico. A Fapcen foi criada como instituição sem fins lucrativos pelos próprios produtores, tendo como principais objetivos promover, estimular e dar suporte a pesquisas de diversas culturas. A organização tem como atividades também prestar serviços técnicos a órgãos públicos e privados, exercer atividades científicas e culturais, divulgar os resultados de pesquisas, através de palestras, relatórios de safra e eventos conhecidos como "dias de campo", realizar treinamentos de pessoal e divulgar a região para atrair novos investimentos. A instituição testa novas variedades e valida tecnologias de produção oriundas de diversos centros de pesquisas, inclusive de empresas privadas. As culturas principais são soja, milho, arroz, algodão, feijão comum, feijão caupi, sorgo, algodão e coberturas verdes.

As receitas da instituição provêm de revendas de sementes, de *royalties*, das contribuições de empresas de produtos agrícolas para os eventos e principalmente das anuidades pagas pelos sócios contribuintes e pelos sócios cotistas, que variam de acordo com o número de hectares de suas propriedades. Entre os sócios contribuintes estão incluídos, além de produtores, empresas de revendas de máquinas e equipamentos e empresas de assistência técnica. Os testes de campo realizados pela Embrapa para a seleção de variedades, acontecem nas propriedades dos associados da Fapcen, que cedem terras, mão-de-obra, máquinas e equipamentos. Os sócios cotistas são também multiplicadores das sementes das novas variedades. Eles têm direito a cotas de sementes proporcionais ao número de cotas que possuem da instituição. Depois de multiplicar as sementes, esses sócios vendem o material para outros produtores por preços que têm embutidos os *royalties* que devem ser destinados à Embrapa.

No caso da soja, hoje a produtividade média no Brasil, segundo dados da Conab em relação à safra 2000/01, é de 2.720kg/ha. Na região de Balsas já há propriedades, como a Fazenda Serra Vermelha, produzindo 2.940kg/ha, acima, portanto, da média nacional. Segundo o supervisor da unidade da Embrapa de Balsas, Dirceu Klepker, a instituição já selecionou material com uma produtividade de 4.000kg/ha, e, dentro de 10 anos já haverá variedades produzindo 5.000kg/ha. Antes, o produtor da área de Balsas tinha que se contentar com variedades que trazia do Sul do país ou do Mato Grosso e que em boa parte das vezes não apresentavam a mínima compatibilidade com a região. Segundo alguns produtores, na época eles apenas brincavam de produzir soja. Atualmente, segundo o presidente da Fapcen, Gilberto Zeny, o agricultor está se tornando cada vez mais exigente, querendo a cada ano novas variedades, que no mínimo apresentem ganho de produtividade em relação à safra anterior, num processo que não tem volta.

variação do dólar. A companhia, por sua vez, diz que não pode fugir ao que é estabelecido pela agência reguladora e que quem está lucrando realmente são as compradoras, devolvendo dessa forma as acusações.

O gerente geral da Lavronorte, Francisco José Honaiser, diz que de 1994 para cá o sistema de crédito passou do Banco do Brasil para as empresas compradoras. "A produção – diz ele – está nas mãos das empresas estrangeiras. Se elas quiserem reduzir nossa produção, é só trancar o crédito". O financiamento se dá na forma de compra antecipada da produção, sistema que é chamado de soja verde. A correção segue a variação cambial, mais 12 a 15% ao ano. Em certas épocas do ano, as unidades dessas compradoras parecem instituições bancárias, tal o movimento de produtores buscando financiamento.



Mais competição

Um produtor, que prefere não se identificar, diz que o Banco do Brasil jamais poderia abrir mão de atuar numa área estratégica, que é o financiamento. E levanta a hipótese de que as empresas compradoras, todas estrangeiras, poderiam estar seguindo o interesse de seus países, dificultando nossa produção. Por exemplo, diz ele, preocupados com a competição, os Estados Unidos estão subsidiando fortemente seus produtores de soja. O governo americano garante o preço mínimo de US$5,26 por *bushel* (27kg), cobrindo a diferença quando o preço do mercado fica abaixo. O governo brasileiro calcula que o prejuízo causado aos nossos produtores é de US$1 bilhão anuais, e está inclusive estudando entrar com uma ação contra os Estados Unidos na OMC – Organização Mundial do Comércio. Para esse produtor, além da ação, o governo brasileiro deveria retomar seu papel intransferível de indutor do desenvolvimento, de estimulador da produção, pela via do crédito, evitando que fiquemos à mercê de interesses estranhos. Mas nem todos concordam com essa hipótese. Para outros produtores, a única motivação das compradoras é ganhar dinheiro, aproveitando-se da situação, o que não consegue destruir, mas acaba reduzindo a competitividade do agricultor local. Muitos entendem que a questão só vai ser resolvida com a chegada de mais compradoras à região, o que vai forçar a competição, acabando por favorecer os agricultores.

Os problemas não têm impedido que a região siga com ótimo ritmo de crescimento (tabelas) e algumas das razões para esse desempenho são certamente o dinamismo e a ousadia dos empresários estabelecidos na área. O que explica essas características talvez seja a faixa de idade da maioria deles, de 30 a 45 anos. Fábio Aidar, que está com 32 anos, conta que veio para Balsas sabendo que todos os governos estão atravessando uma fase de dificuldades e preparado para investir em tudo que fosse necessário para viabilizar a produção. Uma das iniciativas foi colocar um trator e um caminhão para fazer a manutenção da estrada que utilizava. E esse comportamento é generalizado. Em um bar de Balsas, um outro produtor reclamava muito dos seus vizinhos, que não o ajudaram a consertar a estrada na época da colheita. Todos concordaram que era falta de espírito de cooperação, ninguém pensou em responsabilizar os governos municipal, estadual ou federal.

Dinamismo e ousadia dos produtores

Em 1996, um grupo de empresários franceses, compradores de farelo de soja, visitou áreas da Fazenda Serra Vermelha que ainda eram cerrado bruto. Eles voltaram no ano seguinte e foram levados a visitar a mesma área, já então totalmente tomada pela soja. E não acreditaram no que viram: "Essa era aquela área feia de cerrado, que parecia não dar nada? Realmente, os fazendeiros europeus e americanos têm que morrer de medo de vocês." E contaram que na França os fazendeiros são idosos, mais acomodados, e que seus filhos, ao contrário do que acontece no Brasil, preferem abandonar o campo e abraçar atividades urbanas.

O espanto dos franceses procede. Várias cenas confirmam o dinamismo e a ousadia desses produtores. Em um restaurante de Balsas, o repórter ouve dois jovens produtores discutindo sobre qual teria sido o momento certo para vender a soja da última safra. E elogiam um terceiro, de 35 anos, que teve paciência, acreditou que os preços na Bolsa de Chicago reagiriam, aguardou mais um tempo e acabou lucrando na operação nada menos que R$400 mil a mais que os outros. No *lobby* de um hotel da cidade, um produtor, de seus 30 anos, se encontra com o representante de uma empresa revendedora de GPS, que lhe oferece o aparelho. O produtor perguntou o preço, que era de US$13 mil, quis saber se ele tinha o equipamento em estoque e, ao ouvir a resposta afirmativa, fechou o negócio na hora, solicitando que a entrega fosse feita no dia seguinte. Nem pediu abatimento.